

Sarney garante a transição na crise

Presidente se espanta com violência na greve em Volta Redonda e condena radicalização

BARTOLOMEU RODRIGUES

BRASÍLIA — O presidente José Sarney se mostrou ontem perplexo com o grau de violência que resultou na morte de grevistas durante a ocupação da Companhia Siderúrgica Nacional por tropas do Exército e da Polícia Militar. "Apesar de tudo, a transição democrática não será interrompida no meu governo", declarou o presidente. A violência, disse Sarney à Agência Estado, partiu "daqueles que não souberam utilizar a liberdade conquistada com a nova Constituição".

Sarney mantinha a esperança de que o episódio de Volta Redonda não alterasse o caminho tomado pelo governo, por empresários e por representantes dos trabalhadores. E estranhava que a radicalização tenha partido justamente da Central Única dos Trabalhadores (CUT)

— que não apóia o pacto —, à qual é filiado o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda.

Minutos antes Sarney havia recebido os ministros Paulo Brossard, da Justiça, e Ivan de Souza Mendes, chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI). Chegaram ao seu conhecimento notícias de depredações em São Paulo. Pouco depois, sua filha, Roseana, ligava do Maranhão, permitindo ao presidente um momento de relaxamento.

José Sarney reconheceu a gravidade do momento, mas classificou de "avaliação falsa" atribuir à crise econômica e à inflação galopante a responsabilidade pelos tumultos no Rio e em São Paulo. "Nunca se corrigiram salários mensalmente", afirmou o presidente, em referência à aplicação da URP para evitar distanciamento maior entre a correção salarial e a inflação. Ainda assim admitiu que o mercado anda confuso: "Há uma desorganização nos preços", disse, o que, em sua opinião, é um problema a ser enfrentado pelo pacto firmado en-

tre empresários, trabalhadores e governo.

CLIMA DE RADICALIZAÇÃO

Preocupado com o confronto de pedras, ferro e balas entre os soldados do Exército, da PM e os grevistas, Sarney perguntou: "Qual o objetivo disso tudo? Qual?" Lembrou o prejuízo que representa desligar fornos da siderúrgica — e até os confrontos começarem, disse ele, dois já haviam sido desligados. Além disso, os grevistas ocuparam áreas estratégicas. Tudo, segundo a avaliação do presidente, num clima que leva à radicalização.

Apesar de todos os relatórios em sua mesa, das inúmeras reuniões, dos telefonemas e das conversas que teve com assessores políticos, o presidente Sarney dava a impressão de tentar convencer a si próprio do que estava acontecendo. Mais do que dar respostas, era ele quem fazia perguntas. Mas olhava para o futuro com esperança: "Vamos deixar as coisas tomarem o seu curso natural".

(O noticiário sobre a greve na Companhia Siderúrgica Nacional está nas páginas 10 a 13.)



Sérgio Borges/AE - 23/1/88

Sarney espera que os incidentes em Volta Redonda não afetem a execução do pacto